

Banco de dados mostra JORNAL DO BRASIL - 15 JAN 1991 como vai saúde do país

Qualquer cidadão brasileiro já pode saber como vai a saúde do país com o simples apertar de um botão. Informações que já foram tratadas como verdadeiros segredos de estado, aos quais só tinham acesso os formuladores da política previdenciária — centralizada no governo federal —, são obtidas agora graças ao Síntese (Sistema Integrado de Tratamento Estatístico de Séries Estratégicas), principal banco de dados da Previdência Social, criado em 1980 pela diretoria de saúde da Dataprev, a Datasus, através de microcomputadores conectados a um computador de grande porte da Dataprev ou, mais simplesmente, pela Rede Nacional de Telex.

Como só é possível planejar saúde dentro de um contexto mais amplo, além de dados sobre assistência médica e previdenciária o banco armazena também informações financeiras e sócio-econômicas — desde a população economicamente ativa, por salário ou faixa etária, até a cotação do dólar, índices de desemprego e dados sobre agricultura. São 75 grupos temáticos, que englobam 20 mil *séries históricas* — agrupamentos de informações num determinado tempo e espaço.

O Síntese revela, por exemplo, que durante o governo Sarney o total de internações em hospitais do Inamps ou conveniados, no Maranhão, passou de 179.445 (em 1985) a 712.704 (em 1989), índice que nos demais estados se manteve razoavelmente estável. E que dos Cr\$ 16,6

bilhões que a Previdência arrecadou no ano passado apenas Cr\$ 80,8 milhões foram gastos com aposentadorias, pensões e outros benefícios.

Como consultas, exames e internações registrados na memória do sistema são discriminados por especialidade médica e as doenças são rotuladas segundo a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde (OMS), é possível saber em poucos minutos que o câncer de pulmão, que até agosto matou 785 dos 4.916 pacientes atendidos este ano nos hospitais públicos do país resultou para o contribuinte numa despesa de Cr\$ 97,5 milhões.

Secretarias estaduais de saúde, universidades, pesquisadores — como os da Fundação Oswaldo Cruz — e outros órgãos da sociedade civil — como o Ibase, dirigido pelo sociólogo Herbert de Souza — já estão trabalhando com essas informações. Com a criação do SUS (Sistema Unificado de Saúde), houve uma descentralização do poder e os estados passaram a executar políticas de saúde com verbas transferidas pelo governo federal. Tanto a ação preventiva como a ação curativa, que antes eram de responsabilidade dos ministérios da Saúde e da Previdência, pertencem agora aos estados. Com isso, o sistema Síntese foi democratizado e, na nova estrutura administrativa, passou a integrar a Fundação Nacional de Saúde, junto com o Sesp e a antiga Sucam.